

As contradições do favorito

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Collor promete transformar os ministérios militares num ministério da Defesa, mas no dia seguinte se reúne com generais. Collor usa e abusa da bandeira da moralidade, mas dirigentes do seu PRN andam às voltas com processos judiciais por estelionato. Collor já nasceu político de duas gerações, foi prefeito nomeado, governador e deputado federal, mas faz o gênero antipolíticos. Collor foge do estigma de direita como o diabo da cruz, mas os apoios da direita não param de despencar em sua campanha.

As contradições do candidato favorito nas pesquisas eleitorais, Fernando Collor de Mello, do PRN, evidenciam sua preocupação, até agora, em tentar compatibilizar o discurso para o público externo, que vai votar em novembro, com os vários discursos dos públicos internos, que vão influir nessa votação. Ultrapassada a barreira dos 40% de popularidade, ele terá de afunilar os dois discursos num só.

Tancredo Neves se transformou em herói nacional brandindo uma espada de sólidos acordos suprapartidários pela redemocratização e protegido pelo escudo de sua dimensão política pessoal. Collor percorre o caminho exatamente contrário: priorizou o trabalho pela popularidade e, daqui em diante, estará moldando os instrumentos políticos, partidários e intelectuais que possam lhe conferir mínimas condições de exercício do poder. Popularidade ganha eleição, mas não necessariamente governa.

O PRN é uma ficção que acaba de passar de três para sete deputados federais, além de dois senadores. O intuito da campanha Collor é extrapolar esta alavanca e forjar uma engranagem muito mais complexa, com peças dissidentes dos grandes partidos e, principalmente, nomes de peso

nos Estados e no contexto nacional.

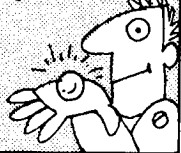
Os adeptos de Collor transformaram em verdade a versão de que ele fechou a porta de sua candidatura à direita. O curioso é que a lista das adesões não combina com a fresta: Deusamir Pereira, presidente do PRN no Amazonas, anda às voltas com cinco processos por estelionato; o deputado Alcindo Anunciação, do PL mas braço direito do PRN na Bahia, responde a inquérito policial por apropriação indébita; o também deputado Dionísio Hage, que vai coordenar o movimento pró-Collor no Pará, não tem problemas com a Justiça ou a polícia, mas votou contra as "diretas já" e a favor dos cinco anos para Sarney.

Não passaram pela fresta collorida, formalmente, mas já deram seu apoio público ao candidato o general da reserva Newton Cruz; o delegado José Guilherme Godinho, líder do "Esquadrão da Morte" no Rio de Janeiro; o coronel da reserva Haroldo Corrêa de Mattos, que foi ministro das Comunicações do governo Figueiredo; o ex-diretor geral da Polícia Federal no mesmo período, Moacyr Coelho. O selo da campanha Collor é a mudança.

Os favoritos sempre são vulneráveis a apoios de toda ordem e não raro perdem o controle das adesões. No caso de Collor, contudo, esses apoios vêm aos borbotões apenas da direita ou do oportunismo. É por isso, principalmente, que os "modernos" do PFL, os antimalufistas do PDS e a elite do PTB se movem com tanta dificuldade — ou constrangimento — para o arraial de Collor. Eles estão em volta de uma piscina muito azul, mas em pleno inverno, esperando quem dê o primeiro mergulho. A partir de agosto, esse atleta já terá surgido e, assim, poderá faltar água para tanta sede de nadar.

Diário da campanha

A pérola



Há seis meses, Aureliano Chaves deixou o cargo de ministro das Minas e Energia por se considerar o candidato na-

tural do PFL à Presidência. Ontem, ele decidiu quando vai começar sua campanha: será dia 3 de julho, num comício em alguma cidade de Minas Gerais, que ainda não está definida. Aureliano só vai se considerar candidato, de fato, depois que o partido referendar seu nome na convenção do dia 2 de julho. Antes disso, prefere não correr riscos inúteis.

A desculpa



Depois de ter recebido os candidatos do PRN e do PT à Presidência da República, para entrevistas e participações

exclusivas, os programas A Praça é Nossa e Hebe, do SBT, convidaram, há um mês, o senador Mário Covas, candidato pelo PSDB, para gravar duas apresentações, que deveriam ser feitas amanhã e terça-feira. Ontem, no entanto, o convite foi retirado, sob a alegação de que a lei eleitoral não permite a apresentação de candidatos fora do horário gr-
tuito.